

Colher de chá: Entrevista com Lia Wyler e seus feitiços literários...

Vera Abreu



Quem não ouviu falar no Harry Potter está por fora. Há anos o mundo literário e comercial do planeta treme de euforia. As bruxas estão soltas e os leitores mirins, assim como os não tão mirins assim, estão adorando.

Cada lançamento da trama em português é uma alegria geral. A tradução da saga para o português está nas mãos competentes e experientes de Lia Wyler. Lia nasceu em Ourinhos, no interior de São Paulo, e foi criada no Rio de Janeiro, onde mora. Já viveu em Manaus (AM), Porto Alegre (RS) e Lisboa. Ela é tradutora profissional desde 1969 e começou a carreira traduzindo obras de escritores americanos e ingleses como Tom Wolfe, Saul Bellow, Henry Miller, Bashevis Singer, John Updike, Muriel Spark e Gore Vidal. Como tradutora de livros infantis e juvenis, recebeu o prêmio de “Altamente Recomendável” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil pelo *O terno tanto faz* de Sylvia Plath, além do Prêmio Monteiro Lobato Tradução-Criança pelos três primeiros livros da série Harry Potter. Lia se lança agora também como escritora. Seu primeiro livro, *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*, fruto de quase uma década de pesquisa sobre a história da tradução em nosso país, será publicado ainda este ano.



Graças ao Harry e suas aventuras, a autora da série, J. K. Rowling, se tornou a segunda mulher mais rica do Reino Unido. E a Lia? O que mudou na vida dela? Certamente ela sofre agora muito mais assédio para dar entrevistas e continua a trabalhar para a mesma editora dos últimos dez anos, a um preço-lauda palatável em termos de Brasil.

Esta entrevista é o fruto de um momento de alegria na minha família aqui nos EUA. Com o lançamento do livro em inglês, há seis meses, minha filha de 11 anos ficou em polvorosa e nos convenceu a ir até a livraria à meia-noite do sábado do início das vendas. Jurei que não ia mas, com toda a empolgação da Nina, não resisti. A fila dobrava o quarteirão, numa noite fria mas iluminada pela lua. Todos os 40.000 habitantes da nossa pequena Fair Oaks (Califórnia) estavam lá! Do lado de fora da loja, as crianças esperavam, fantasiadas com a capa do Harry e seus óculos redondinhos. Dentro da loja, uma festa! Havia painéis com fotos e fumaça. Num deles, meu filho Ian, de 7 anos, colocou o Chapéu Seletor e a voz dizia em que Casa ele iria ficar. Noutro painel, gincanas com perguntas e respostas e muitos prêmios do Harry para a criançada. Num terceiro, fotos gratuitas com a nossa família sorridente. Coisas bem de americano...

Como mãe e educadora, fico orgulhosa e feliz ao ver minha filha no quarto, na sala ou no quintal lendo com tanto afincamento e paixão. Um livro com quase mil páginas não a amedronta e vejo nela um pedacinho da minha infância em São Paulo, no abacateiro do fundo do quintal de casa, lendo Monteiro Lobato e viajando nas aventuras.

Pois foi nesta época do lançamento do livro nos Estados Unidos e Europa, que, embora ocupadíssima com as 760 páginas da tradução do livro para o português e a promessa de entregá-la em 100 dias úteis, Lia concordou com a entrevista e respondeu às perguntas de maneira direta e franca – uma conversa gostosa de tradutora para tradutores. Especialmente para o PLData.

Aproveitem a colher de chá! Aqui está a entrevista.
Vera Abreu.

Lia, chega de Harry Potter?

Acho que ainda é cedo para dizer. Não é a primeira vez que traduzo uma série, pois traduzo também outra, menos famosa, de autoria da norte-americana Paula Danziger, mas é a primeira vez que traduzo uma série tão aventureira. Começou como dois volumes de uma escritora britânica que se tornou conhecida em seu

Continues on page 4

INSIDE

| | |
|---|------------|
| Interview with Lia Wyler | 1,4-7 |
| Minutes of PLD Meeting in Phoenix | 2 |
| From the Administrator | 3 |
| José Saramago and Translators | 7 |
| A Confusão dos Porquês | 8 |
| The Legal Corner | 9,10 |
| Portuguese & Cape Verdean Creole | 11-13 |
| Impressions - 1st Nat'l Conference of Abrates | 14,15 |
| Bring on the Bulls - Portuguese Festa | 16-19 |
| Events | back cover |

PLData
Volume XII - Issue 4 - December 2003

Editor
Tereza Braga
Assistant Editor
Ines N. Bojlesen

Design
Ines N. Bojlesen
Final proof
Tereza Braga

PLData is a quarterly publication

Portuguese Language Division - PLD
Administrator
Tereza d'Ávila Braga
Phone: (972) 690-7730 Fax: (972) 690-5088
terezab@sbcglobal.net

Assistant Administrator
Arlene M. Kelly
Phone: (617) 698-3216 Fax: (617) 698-1874
XinguKelly@aol.com

Secretary
Heather A. Murchison
hmurchis@drizzle.com

Treasurer
Thelma Leoni Sabim
Phone: (512) 837-5708 Fax: (801) 740-1115
thelma@portuguesetranslator.net

Web Master
Nelson Laterman
nelson@necco.ca

The statements made and opinions expressed in the PLData are strictly those of the authors and do not necessarily reflect the opinion or judgment of the PLD, PLData, its editors or officers.

Submissions for publications are invited and may be mailed, faxed or e-mailed to the editor.

Members of the Portuguese Language Division receive this newsletter for free. Non-members: US\$10.00/year.

Portuguese Language Division is a non-profit organization and a division of the

American Translators Association
225 Reinekers Lane, Suite 590
Alexandria, VA 22314

Phone (703) 683-6100 Fax (703) 683-6122
<http://www.atanet.org>
www.ata-divisions.org/PLD

Rates for Ads:

Full page (7.5 pol x 9.75 pol) - US\$100
Half page (7.5 pol x 4.87 pol) = US\$75
1/4 page (4.75 pol x 4.87 pol) = US\$50
Business Card (9 pol x 6 pol) = US\$12 ◆

Minutes of the Portuguese Language Division meeting November 6, 2003 - South Pointe Resort, Phoenix, Arizona 44th ATA Annual Conference

At 1:55 PM the meeting was called to order and the first item of business was the reading of the minutes of the last meeting held in Atlanta in 2002. The minutes were accepted and approved by acclamation.

Ines Bojlesen then reported on the state of the Treasury. The greatest expenses for the Division are the PLData newsletter and the Spring meeting. She informed that ATA promoted for the first time a Division Administrators Meeting in Alexandria in early September. Division finances took the main stage at that meeting. Scott Brennan explained that the smallest Division has revenues of \$3,500 and the largest \$35,000. Small divisions don't have enough money for newsletters; midyear conferences and the large divisions end up having a surplus. The idea is to take the responsibility of managing a budget from the divisions and to have one big pot for all. Two options were suggested for dues collection: single dues (with a small raise) and graduated dues (sliding). A committee will be nominated by ATA to evaluate the alternatives.

Nelson Laterman informed that the PLD website gets 100 hits a day. Much of the credit is due to the work of João Roque Dias, in Lisbon, who has links in his website. Volunteers were requested to provide new content for the website.

Election results were announced by Magda Alves, who volunteered as inspector of elections with Christiana Aguiar. The new Board is the following:
Tereza d'Ávila Braga - Administrator
Arlene M. Kelly – Assistant Administrator
Heather A. Murchison - Secretary
Thelma L. Sabim - Treasurer

Tereza announced that Gladys Wiesel, candidate for Treasurer, and Heather Murchison, the new Secretary, were unable to come because of professional life transitions.

All participants introduced themselves. There were 40 members present (41 counting our newest and honorary member Sara Yuan, the baby daughter of Tim Yuan and Teresa Figueira). ◆



FROM THE ADMINISTRATOR

Final de ano

Thanks to all who participated in the PLD elections. We are ready for two more years of service to our Division. I personally thank all of you who have supported and encouraged me during my first term. This has been a great opportunity for growth for all of us. We want to continue to deserve your support and friendship for two more years and prepare the PLD for the future.

I welcome Arlene, Thelma and Heather to the team. We are getting busy preparing our Spring Meeting 2004. Stay tuned.

PLD members joined the whole ATA family for the 44th annual conference last month in beautiful Phoenix. Just picture this combination – Arizona mountains framing a gorgeous resort, great cool temperatures, tables outdoors for communal meals and lots of golden sunshine. An increasing variety of quality presentations and members of the national media circulating among us and talking about professional translators and interpreters on their shows. Now throw in a lunar eclipse and a bright clear night on the patio right outside the doors where we danced the night away following the closing banquet. Can you ask for more?

It was a year of continuing instability in our markets but of much growth at ATA. It is not

an easy profession the one we chose, but it remains fascinating and challenging. Let's continue to give it our very best.

Ines and I are full of ideas about new features and columns for the PLData and contacting new contributors.

I am particularly grateful to Vera Abreu, my friend and predecessor, for this issue's interview with Lia Wyler, who brings Harry Potter to Portuguese-speaking audiences.

Thanks also to Isabel Monteiro, in Lisbon, who helped us with proofing for this issue.

Enjoy and see you soon in 2004!

Tereza d'Ávila Braga
Administrator ♦

Check out our site!

The website of the Portuguese
Language Division is:

www.ata-divisions.org/PLD

Many thanks to our webmaster Nelson
Laterman

Happy
New Year!

próprio país entre o primeiro e o segundo volume e alcançou projeção mundial após o segundo volume; saiu-se brilhantemente no terceiro e no quarto; entrou em crise existencial e de autoria – em disputa com a Warner Licensing – e lançou o quinto volume que foi até agora o que menos me agradou sob os mais variados aspectos. Como serão o sexto e o sétimo?



Qual a rotina do trabalho?

Traduzo 390 linhas por dia.

Quando termino o capítulo faço a primeira revisão e entrego-o ao copidesque, que faz suas sugestões – a maioria eu descarto. Faço então a minha segunda revisão e entrego ao corpo de revisores da editora. Entrego dois capítulos por semana à revisão final. Não houve tempo para a última leitura.

Quais as normas gerais adotadas por você e a Editora na tradução da série?

Esse foi um dos aspectos que não me agradaram. Desde o primeiro e ainda sem saber que haveria um segundo e etcetera, propus uma abordagem em que eu domesticaria o texto, como acho que convém a crianças de 7 a 12 anos – idade dos leitores a quem o primeiro livro foi dirigido – mas preservaria a estranheza dos hábitos e todos os valores culturais que diferenciam os britânicos de nós. A proposta foi aprovada informalmente – sempre informalmente, porque em editora ninguém se compromete por escrito a não ser os prestadores de serviço, mas os copidesques e revisores, por vezes, transformaram minha proposta em samba de crioulo doido. Há anos esperneio, mas continuo levando a pior.

Há grupos de pessoas nos EUA e Austrália, por exemplo, que não gostam do HP alegando que seu conteúdo é ligado a tramas com materiais diabólicos. O que você acha dessa reação?

Olha, o HP não foi aceito nas escolas da Austrália por uma série de razões sociais e culturais que não estão presentes no Brasil, um país onde a

gente cresce ouvindo falar em macumba, alma do outro mundo, sortes, amuletos e uma porção de outras coisas, que depois a gente deixa guardados no baú da infância. Já nos países anglófonos essas idéias continuam a assombrar as pessoas até a velhice, com as piores conseqüências.

Quais são, na sua opinião, os motivos do sucesso enorme que a série tem no mundo todo e no Brasil?

Entre os adultos a razão talvez esteja na leveza, na possibilidade de ser criança outra vez, na possibilidade de dividir alguma coisa com os filhos, numa vida em que sobra tão pouco tempo para eles. E como falei antes, a autora mexe com mitos que carregamos até morrer.

Dentre os personagens da saga Harry Potter, qual é o seu preferido?

É difícil dizer. Entre os adultos, gosto muito de Minerva McGonagall. Ela aparenta frieza, mas chega ao ponto de dispensar os alunos de fazer os deveres de casa porque quer continuar a ver a taça de quadribol na sala dela...

Entre as crianças não tenho favorito, pois todos têm qualidade e defeitos muito “gostáveis”. Mas as travessuras dos gêmeos Weasley contam com o meu aplauso, porque fui uma criança muito travessa.

Você acha que um livro infanto-juvenil com quase 800 páginas é inadequado para o mercado editorial brasileiro?

A saga de Harry Potter mexeu com pessoas de todas as idades. Não foram apenas as crianças que embarcaram nessa fantasia tipicamente britânica – pois só os ingleses conseguem criar uma fantasia assim tão desabrada. As crianças brasileiras adoraram porque há muito tempo não

viam nada igual e a expectativa pela nova aventura é enorme.

É interessante notar que a cada livro há um aumento no número de páginas e um crescimento do nível de complexidade da narrativa. Creio que isso se deve ao fato de J.K. Rowling ser professora, pois o sistema educacional inglês é baseado nos *graded readers*, com os livros escolares se encorpando e ficando mais complexos de forma semelhante. Seja como for, tenho certeza de que os fãs de Harry Potter vão devorar essas 800 páginas como devoraram as aventuras anteriores, pois a maioria está cansada de ler e reler os volumes anteriores à espera deste quinto.

Você está enfrentando sozinha uma árdua tarefa, que em alguns países foi dividida por uma equipe inteira de tradutores. Você não acha que, ao contrário dos livros técnicos ou científicos, uma obra literária deve ser traduzida por uma única pessoa?

Decididamente. Isso não tem nem talvez. Tanto que, quando se aventou a possibilidade de ter alguém para me ajudar, eu tracei o perfil ideal deste ajudante: uma pessoa de família nordestina que nasceu no interior de São Paulo, cresceu no Rio de Janeiro, morou em Manaus, Porto Alegre, Lisboa... ou seja: teria que ser outra eu. Isso porque a vivência de cada pessoa propicia a aquisição de um vocabulário próprio. A língua é coletiva, mas o vocabulário é extremamente individual. Assim, cada família, cada pessoa, combina essa linguagem social de forma muito particular. Tanto que as famílias têm suas expressões prediletas, as piadas que só os seus membros entendem...

Cada tradutor teria, portanto, soluções diferentes para um mesmo texto.

Sem dúvida. Eu procuro usar palavras do Brasil inteiro que, embora desconhecidas em uma ou outra região do país, conotam exatamente o sentido da palavra que devem traduzir. Um exemplo: o gato de Hermione se chama Bichento, palavra que parece ter sido inventada mas que existe no dicionário. No Ceará, bichento é o indivíduo de pernas tortas, arqueadas. Ora, no original o nome do gato é Crookshanks, que significa, literalmente, “pernas arqueadas”. Outra razão para ter escolhido Bichento é o fato deste termo ter sonoridade

semelhante à de bichano, termo usado para designar gatos aqui no Brasil. Portanto, para mim, batizar o gato de Hermione de Bichento me pareceu a solução ideal, mas outro tradutor poderia ter chegado a uma solução totalmente diferente e, ainda assim, válida.

Você tem 34 anos de experiência no campo da tradução e está prestes a lançar um livro sobre seu ofício. Pode falar um pouco sobre ele?

É mais um livro sobre o tradutor brasileiro do que um livro sobre o processo de tradução. Intitula-se *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*, e reconstitui a história da tradução no Brasil desde o Achamento [Descobrimiento] até os dias de hoje. A divisão corresponde aos diferentes tipos de tradutores existentes nestes períodos sucessivos, períodos que são desiguais em termos de tempo, pois

só os “línguas” predominaram bem uns 300 anos. Meu objetivo foi o de homenagear as pessoas que se empenharam através dos tempos na intermediação de diferentes culturas, para que nós pudéssemos ter aqui no Brasil acesso ao conhecimento do mundo inteiro.

Quais as próximas traduções e planos para o futuro?

No momento, tenho na minha agenda a conclusão de um volume da série *Amber Brown*, que no Brasil tem o nome de Clara Rosa, da Paula Danzinger. Tenho também a conclusão de *Negotiating with the Dead*, da Margaret Atwood, além de um juvenil de grande sucesso, *The Ilmore Chronicles de David Stone*, e um mais sério da Clarissa Pinkola Estes, Ph. D. – é assim, com a titulação acadêmica que aparece na capa, para você sentir a seriedade da obra – *Tales of the Grimm Brothers*. Ganhar a vida é prioridade para um tradutor profissional mas, lá no fundinho da minha cabeça, penso em retomar minhas pesquisas sobre a história da tradução e fazer um pouco de arte, também.

Continues on page 6

Por que ser tradutora e não se aventurar em ser escritora full time?

Freud explica, e de muitas maneiras. Mas poderíamos começar lendo “Escritores Criativos e Devaneios” (em alemão, *Der Dichter und das Phantasieren*). Recriar algo que já existe é, segundo ele, muito menos criativo do que criar *ab ovo*. Por enquanto, vou continuar recriando.

Você acha que o tradutor é um narcisista que adora atenção devido ao trabalho introspectivo e solitário a que se dedica? Ou você acha que o melhor tradutor é o tradutor invisível?

Não. Acho que os narcisistas que só conseguem recriar aproveitam a oportunidade para se projetar. Todos os grandes tradutores que conheci não gostavam de atenções, ou melhor, gostavam da atenção de que carece todo ser humano, mas não gostavam de badalações. Ultimamente andam me forçando a dar entrevistas, mas eu gosto de viver no meu canto. Gosto de repartir o que pude aprender com os meus pares, mas decididamente não tenho jeito para *pop star*. Quanto à circunstância de ser ou não ser invisível no texto, essa é uma questão a ser estudada sob a ótica do que melhor convém à cultura de cada país. Quanto a ser invisível e desvalorizado na vida real, no crédito omitido, na crítica mal-intencionada, na remuneração, é algo contra o qual sempre lutei e continuarei lutando enquanto viver.

Quais seriam as suas dicas e conselhos para os iniciantes na carreira de tradução literária?

Ler, ler muito, ler tudo que passa pelo seu campo de visão. Ler muita literatura, clássica e moderna, em sua própria língua. Ler muita literatura clássica e moderna, na língua que pretende traduzir. Ouvir com atenção tudo que passa pelo seu campo auditivo, para entender como se constroem literariamente bons diálogos. Conhecer a história política, econômica e cultural do seu país e do país cuja cultura pretende traduzir. Aprender a contextualizar as obras que traduz. Algumas dessas coisas se aprende na escola, mas a maioria depende do interesse do tradutor pela vida, porque literatura é vida romanceada.

Vera Abreu has been a freelance translator since 1991, based in Fair Oaks, CA, specializing in telecommunications, computer localization and software testing. Originally from São Paulo, Brazil, Vera has a B.A. in English Language and Literature from PUC – São Paulo and is a former employee of Hewlett-Packard in Brazil. Former Administrator of the ATA Portuguese Language Division and former Editor of the PLData. ♦



"I told you, months ago, that the Whomping Willow was planted the year I came to Hogwarts. The truth is that it was planted because I came to Hogwarts."

-- Remus J. Lupin

Whomping Willow = Large tree in the grounds of Hogwarts that hits anything that comes too close.

FEITICEIRA DA LINGUAGEM

Algumas soluções de Lia Wyler para expressões usadas por J.K. Rowling no original:

Muggle: gíria em inglês para tolo, bobo. Foi a palavra escolhida pela autora para designar todos os personagens não-magos (os humanos ‘normais’) da história.

Solução = **Trouxa:** Lia escolheu também uma gíria do português para designar os bocós que não sabem fazer magia - ou, em outra leitura, aquelas pessoas que não sabem fantasiar, que não têm imaginação.

Crookshanks: o nome do gato de pernas tortas da personagem Hermione é uma mistura de crook

(que quer dizer curvado, arqueado) e shank (a parte da perna entre o joelho e o tornozelo).

Solução = **Bichento**: A tradutora usou esse regionalismo nordestino, adjetivo para pessoas de pernas tortas. Ela faz também uma brincadeira com o som parecido das palavras ‘bichento’ e bichano.

Slytherin: a escola de magia Hogwarts tem quatro casas nas quais vivem os estudantes, e todas competem entre si. Slytherin é a casa da qual saem todos os magos malvados. O nome faz uma brincadeira com slithery, que quer dizer ‘escorregadio’.

Solução = **Sonserina**: em português, o adjetivo escolhido por Lia foi ‘sonso’. ‘Todo sonso é escorregadio, malandro’, justifica. Além disso, sly quer dizer ‘dissimulado’, ‘fingido’.

Quidditch: Rowling inventou essa palavra, e inventou até sua origem queer (estranho, em inglês) e ditch (vala). Segundo ela, a pronúncia de queer ditch foi mudando ao longo do tempo entre os magos até virar Quidditch, nome do esporte favorito de Harry Potter.

Solução = **Quadribol**: Lia optou por esse nome porque o jogo dos bruxos tem quatro bolas (daí o prefixo latino quadri). E terminou a palavra com ‘bol’, adaptação de ball (bola em inglês), que aparece em todos os nomes de esportes em português (futebol, handebol, voleibol).

Fonte: <http://revistaepoca.globo.com/> ♦



Check www.bloomsbury.com/harrypotter for a Harry Potter glossary

Nobel Price Winner to Translators: Keep Those Questions Coming

(reprinted with permission from The Onionskin)

Chris Durban

No less an authority than José Saramago, winner of the 1998 Nobel Prize for Literature, came out in favor of inquisitive translators in May.

Speaking in Buenos Aires at the Fourth Latin American Conference on Translation and Interpretation, Saramago, who writes in his native Portuguese, insisted that he expects translators of his books to raise questions, highlight uncertainties, and elucidate intent and meaning where these are not immediately clear.

“Good translators,” he said, “are the ones that ask questions.” Since writing gives the mistaken impression that everything is clear, translation “is an opportunity to reexamine what the author really means,” he explained. (The Onionskin was ecstatic: as we regularly point out, the same applies to scientific, technical and commercial translation.)

Addressing an audience of 1,400, Saramago stressed the cross-cultural role of translators. “Writers create national literature,” he said, “but it is translators who create international literature.”

José Saramago’s own works have been translated into 45 languages and are available around the world. His awareness of cross-border language issues reflects not only his writing but also his personal experience as a translator: from 1955 to 1981 he produced (in his “free time”) Portuguese translations of Colette, Pär Lagerkvist, Jean Cassou, Guy de Maupassant, André Bonnard, Tolstoy, Baudelaire, Étienne Balibar, Nikos Poulantzas, Henri Focillon, Jacques Roumain, Hegel and Raymond Bayer.

Saramago is married to Pilar del Río, a journalist who is also his Spanish translator, and who in a separate presentation discussed the challenges his books pose to translators.

She had harsh words for “cultures which believe they are self-sufficient and do not need other languages,” noting that only 3% of all books published in the U.K. were originally written in languages other than English. But she had warm praise for the sensitivity and “craftsmanship” of Saramago’s many translators. And no doubt she asks him a lot of questions.

The Onionskin is a client education column launched by the ITI Bulletin (a publication of the U.K.’s Institute of Translation and Interpreting) in 1996. Chris Durban is based in Paris and is chair of the Public Relations Committee of ATA. ♦

A CONFUSÃO DOS PORQUÊS

Sandra Schamas

Por que será que eu tenho tanta dificuldade com esses porquês?

Será porque eu acho essas regras meio sem sentido? Não! Já passei do tempo de ser contra as estruturas! Justamente pela nossa língua ser tão rica e tão cheia de regrinhas e detalhes é que nós a amamos tanto (quase sempre) e nos irritamos com ela (só às vezes...).

Por que, meu Deus?!

Por quê?

Já fiz de tudo para memorizar esses porquês, mas sempre fico na dúvida.

Vamos decorar isso porque já está em tempo.

Primeiro vamos às regrinhas básicas:



Porque (junto, sem acento)

Quando substitui *pois, porquanto, uma vez que, ou motivo de que*:

A juventude às vezes erra **porque** é muito ansiosa

Quando liga duas orações coordenadas numa das quais se explica ou se justifica a asserção contida na outra:

Não viajei **porque** perdi o avião

Quando aparece nas orações em que se pergunta algo propondo resposta:

Você não foi **porque** choveu?

Porquê (junto, com acento)

Quando, como substantivo, substitui as palavras *motivo, causa, razão*:

Não sei o **porquê** da sua impaciência.

Por que (separado e sem acento)

Usa-se em perguntas:

Por que você demorou tanto?

e junto com as palavras *motivo* e *razão*:

Não sei **por que razão** você não me quer.

Não se sabe **por que motivo** ela saiu.

mesmo que essas estejam subentendidas:

Veja **por que** (motivo) seu carro não funciona.

Ainda, usa-se **por que** no lugar de *para que, pelo qual, pela qual, pelos quais, pelas quais*.

Por quê (junto e com acento)

Essa é a mais fácil. Usa-se por quê no final das frases:

Por quê?

Chorou sem saber **por quê**.

Gritaram, mas não havia **por quê**.

Agora, para encerrar, segue uma “colinha” que me ajuda com os porquês.

Sabe por quê?

Porque fica pendurada, aqui do lado do meu computador...

Se você quiser, pode recortar e colar no lado do seu computador também.



Por que

Nas frases interrogativas

Quando for substituível por “pelo qual”, “pela qual” ou

junto com “motivo” e “razão”, mesmo que subentendidos.

Por quê

Quando bater contra um ponto final.

Porquê

Quando essa palavra estiver substantivada e antecedida de artigo.

Porque

Nos demais casos.

SANDRA SCHAMAS is a Portuguese teacher born in São Paulo. She lived in the U.S. for 12 years, working on cultural and educational projects, teaching, writing and translating English and Spanish into Portuguese. Sandra now lives in Brazil, where she lectures and has a column in www.life.com.br. Contact: schamas@wordnation.net ♦

Canto Legal (The Legal Corner)

by Enéas Theodoro



A teoria na prática

A teoria, na prática, pode não ser a outra, mas é um caso sério. Contudo, como dizem os causídicos – parafraseando Jack o Estripador – vamos por partes. Sim, metódica e cirurgicamente, destrinchemos os seguintes falsos cognatos e “pitfalls” na tradução do Direito:

Caso - Causa - Processo - Tese - Hipótese - Teoria - Doutrina

Caso – Disse certa vez um amigo, advogado, voltando de um congresso internacional: “os intérpretes estavam muito bem, mas ficavam falando de “*caso Fulano vs. Sicrano*”, “*caso Beltrano vs. Bichano*” e assim por diante. De fato, em inglês se diz “case” para *causa*, que é diferente de *caso*. Entretanto, até no próprio linguajar jurídico, isso está passando de vício de linguagem para coloquialismo. O castiço, porém, é dar preferência a *caso* no sentido de “event” ou hipótese, eventualidade.

Exemplos: casos de inadimplência (“events of default”) – caso de força maior (“event of force majeure”) – em todo caso (“in any event”).

Causa – Dizem que o bom advogado nunca perde as *causas*; quem as perde, e muito mais, são os seus clientes... Esbarros etimológicos: “Na técnica processual, *causa* se confunde* com demanda. (...) Esta acepção vem de que a *causa* é o fundamento legal do direito que se quer fazer valer perante a autoridade judiciária. *Causa*, a razão, extensivamente passou a designar o processo judicial que, por ela, a *causa*, a razão, o motivo, é intentado, sendo, pois, equivalente a litígio.” (de Plácido e Silva)

Dizem que o bom
advogado nunca perde as
causas; quem as perde, e muito
mais, são os seus clientes...

Exemplos: esta causa constitui marco jurisprudencial (“this is a landmark case”) – a demanda não procede (“the case is groundless”) – os autos do processo (“the case records” ou os famosos “court files”**).

* “Confusão” tem uma acepção bem própria no Direito; quer dizer um “blending or melding” de conotações ou conceitos, sem trazer a idéia de bagunça.

** Ver *Processo*.

Processo – Este vocábulo merece um capítulo à parte. Mas vale lembrar que, além de significar “case” ou “proceeding”, também se entende como (i) Direito Processual, (ii) “procedure”, seqüência de atos no procedimento judicial, (iii) instrução judicial ou processual (“attachments”), i.e., os atos, documentos e provas dos autos, aquilo que forma a pasta (“file”) do processo.

Exemplos: (confundindo-se com demanda) o processo carece de fundamentação (“the case is ungrounded”) – rito ou processo sumário (“summary proceeding”) – um processo enorme (“a huge file”, se referindo à pasta ou pastas com toda a documentação).

Tese – Mais um capítulo à parte, esta palavra é usada na retórica processual com a idéia de – um exemplo vale mil palavras – “a case cannot be made for free downloading of copyrighted music”. Com freqüência, quando o advogado processualista se refere a *tese*, teoria, hipótese, etc. (é feio repetir palavra em português, né?), em inglês isso seria “case”.

Exemplos: a tese favorável ao downloading gratuito de música protegida por direitos autorais é indefensável (acima) – estar

Continues on page 10

preparado para argüir a tese de que... (“to be prepared to argue the case that...”).

Hipótese – Na linguagem forense, faz as vezes de “event” e “case”, com todas as confusões (no bom sentido) contempláveis. Merece cuidado na hora da tradução.

Exemplos: na hipótese dos autos (“in the case hereunder”) – hipótese de inadimplemento (“event of default”) – o ato configura a hipótese prevista no artigo... (“the act characterizes the event under article...”).

Teoria – Idem com relação a confusões, mas em sentido estrito corresponde à idéia de “doctrine”, que só significa *doutrina* no âmbito do Direito Comparado, onde outros termos derivados do Direito Romano-Germânico são aceitáveis (“jurisprudence” com o sentido de *jurisprudência*, por exemplo). A palavra *instituto* também é usada, porém com menos propriedade, no mesmo sentido.

Exemplos: instituto da desconsideração da personalidade jurídica (“piercing of the corporate veil doctrine”) – teoria do círculo virtuoso (“virtuous circle doctrine”, quando uma conduta empresarial presumidamente gera benefícios paralelos para terceiros).

Doutrina – Com a ressalva do Direito Comparado, sempre transmite a idéia do universo das obras de juristas, a instituição subjetiva que é uma das fontes do Direito (“source of the law”). Deve-se verter para o inglês mediante o recurso a expressões tais como “writings of legal scholars”, “works of jurists” e outras do gênero.

Assim como refletem as expressões “don’t shoot, I’m just the piano player” ou “blame it on the piano player”, além do proverbial e histórico costume de – efetivamente – matar-se o mensageiro (*bearer of bad news*) portavoz do rei inimigo, todo tradutor sabe que muitas vezes “sobra pra gente” mesmo. Mas vistamos a carapuça, aceitando a

inevitabilidade de *traduttore, traditore*, sem esquecer todavia que “isso faz parte”, errar é humano, e tentativa e erro é processo fundamental do aprendizado e até do método científico.

QUOTABLE QUIPS

Two farmers claimed to own a certain cow. While one pulled on its head and the other pulled on its tail, the cow was milked by a lawyer.
(Jewish parable)

I became a policeman because I wanted to be in the business where the customer is always wrong.
(Unnamed officer quoted by Arlene Heath)

REAL-LIFE COURT TRANSCRIPTS

(Lawyers making waves)

Mr. Jacobs: “Don’t wave at me, or I will wave at you.”

Mr. North: “You did wave.”

Mr. Jacobs: “You can wave and I’ll wave. Why don’t we take five minutes and wave at each other?”

Mr. Black: “Why don’t we stipulate that all waves will be waived?”

* * *

The Court: “What’s the problem?”

Bailiff: “Oh, a cockroach was on the exhibit table, Your Honor.”

Plaintiff’s Counsel: “Motion to quash.”

The Court: “Granted.”

Enéas Theodoro Jr. is based in Tucson, Arizona, and has 20 years of experience in legal translation. From 1980 to 1990 he was a partner with several attorneys in São Paulo’s first specialized legal translation agency. Any questions or suggestions? Just write to: theodoro@attglobal.net ♦

Portuguese and Cape-Verdian Creole in Massachusetts

Interview with a Teacher and Interpreter

by Ines Bojlesen

Teresa Gomes taught Introduction to Communication and Written Translation for the Portuguese section of the former Legal and Medical Interpreter Training Program at Bentley College in Waltham, Massachusetts, from 1999 through 2002. She is currently a Staff Interpreter at Brigham and Women's Hospital, in Boston, MA, working with the Portuguese and Cape Verdian Creole population. In this interview she shares with us some biographical data, a little history of the Cape-Verdian immigration to the U.S. and some thoughts about her work in the Massachusetts area. If you have comments, her e-mail address is teresa_g_gomes@yahoo.com



Português no ISLA (Instituto Superior de Línguas e Administração), em Lisboa, e vim juntar-me aos meus irmãos a viver em Massachusetts. A minha trajetória não foi muito diferente da de qualquer imigrante que vem

com o objetivo de trabalhar e estudar: comecei a trabalhar numa fábrica uma semana depois de cá chegar, a estudar 3 meses depois e completei o B.S. em Assistência Social em 6 anos, em regime de tempo parcial e com estágio. Como assistente social a trabalhar com a comunidade de língua portuguesa e crioulo de Cabo Verde, comecei a traduzir material escrito para as pessoas que não falavam Inglês e também a interpretar nas reuniões. Diria que o papel de intérprete foi mais por necessidade no desempenho da minha profissão que por escolha. O facto de ter tido a formação do ISLA ajudou. Mais tarde fiz um treino com o Cross Culture Communications Systems, Inc. e comecei a trabalhar para essa conceituada agência como tradutora e, esporadicamente, como intérprete do Criolo de Cabo Verde e Português.

PLData: Teresa, antes de mais nada, gostaríamos de agradecer por você se dispor a conversar conosco e contar para nossos leitores sobre sua experiência como intérprete do português europeu e do crioulo de Cabo Verde. A PLD engloba as várias culturas de língua portuguesa e muito nos orgulhamos desse acervo. Para começar, fale sobre sua pessoa, onde nasceu, como veio parar nos EUA e por que abraçou a profissão de intérprete.

Nasci na Ilha Brava, em Cabo Verde. Mas devido à profissão do meu pai, vivemos também no Sal e em Santiago. Considero a Praia, onde vivi durante cerca de dez anos, a minha cidade. Vim parar aos Estados Unidos como qualquer imigrante - em busca de melhores oportunidades de vida. Apesar de ter conseguido durante 3 anos conciliar trabalho e estudos em Portugal, continuava sem perspectiva de emprego permanente, por isso acabei por desistir de completar os 4 anos de licenciatura do Programa de Tradutor e Interprete de Inglês, Francês e

PLData - Qual é o idioma oficial nas escolas de Cabo Verde?

Ainda é o Português, embora a maioria da população fale o Criolo.

PLData - Qual é a origem e a percentagem da população que fala o crioulo?

A origem, segundo os estudiosos, é muito diversificada - dialetos africanos dos escravos que os portugueses trouxeram no princípio da colonização, para além do Português e outras línguas europeias, já que Santiago foi durante algum tempo um entreposto comercial importante para os Europeus. Eu diria que mais de 90% da população fala o Criolo no dia-a-dia. Os estrangeiros a residir em Cabo Verde aprendem a

Continues on page 12

falar o Criolo antes do Português. Como curiosidade: na Maldávia, antiga República Soviética, fala-se uma língua muito semelhante ao Criolo de Cabo Verde, falado pelo grupo de sotavento (Santiago, Fogo, Brava e Maio); o *papiamento* falado no Curacao é também bastante parecido com o nosso Criolo de sotavento.

PLData - Você tem idéia do tamanho da comunidade caboverdiana aqui nos EUA? Houve alguma fase onde o movimento de imigração foi maior? Onde se concentra essa comunidade, ou está espalhada por todo o país?

É difícil estimar o tamanho da comunidade caboverdiana aqui em Massachusetts, uma vez que existe uma certa confusão entre Portugueses e Caboverdianos em termos estatísticos. Acredito que o mesmo se verifique em outros estados. Em Massachusetts, a concentração maior é em Boston (Dorchester, Roxbury), Brockton e Cape Cod. Mas, embora em menor número que outras comunidades de expressão portuguesa, os Caboverdianos estão espalhados por todas as outras cidades do estado, principalmente Taunton, Cambridge, Somerville, etc.

O pescador caboverdeano começou a vir aos EUA no século XVIII para a pesca da baleia. Mas só no início do século XIX, para fugir da fome que grassava as ilhas, é que esse grupo passou a trazer a família e a fixar residência na América. Por coincidência, nessa altura a indústria da baleia tinha entrado em declínio. Em compensação, os campos de oxicoco (cranberry) prosperavam na parte sudeste de Massachusetts para onde fluíram Caboverdianos, vindos principalmente da Brava e do Fogo.

PLData - Quais são as datas nacionais de Cabo Verde? São observadas aqui nos EUA?

As datas celebradas nos EUA são os feriados católicos e santos populares (San Djon e San Pedro), para além do 5 de Julho que é o Dia da Independência.

PLData - Pelo que sabemos, existe uma demanda considerável por tradutores e intérpretes de crioulo. Existe algum curso ou programa de tradução/interpretação em Cabo Verde, Portugal ou aqui nos

Estados Unidos que prepare alunos para essa “versão” do português?

Infelizmente não. Todos os tradutores/intérpretes que conheço (incluindo eu própria) receberam formação em Português e Inglês.

PLData - É mais fácil para quem fala o português europeu entender o crioulo ou é igualmente difícil para os demais? Ele estaria mais próximo de qual outra “versão” do português?

De uma maneira geral, quem fala Português entende o Criolo, dependendo da ilha. O Português falado pelo povo em Cabo Verde tem semelhanças com o falado no Brasil, tanto no sotaque como na estrutura das frases, embora o Criolo tenha uma construção gramatical bem mais simples - regra quase livre na formação do plural ou género (quase sempre masculino). Os verbos não variam de pessoa para pessoa, como em português. Mantêm-se sempre iguais, como no inglês.

PLData - O que tem sido mais gratificante para você: lecionar ou ser intérprete no Brigham and Women's Hospital?

Leccionar começou mais como um desafio que me deu um certo gozo fazer. E por isso continuo a ensinar o que sei aos principiantes no nosso campo, ou aos intérpretes que se iniciam no mundo da tradução.

Ser intérprete é mais gratificante na medida em que ajudo duas partes que não falam a mesma língua a se comunicarem. Principalmente quando ignoram a minha presença - ninguém olha para mim ou me liga nenhuma enquanto faço o meu trabalho.

PLData - Você acha que será possível um dia falarmos um único português?

Espero bem que não! Além de que seria muito “chato” todo mundo falando igual, qual é que iria prevalecer? Não quero nem imaginar essa briga... Por falar nisso, Cabo Verde teria o problema de escolher um Criolo entre nove, caso quizesse tornar o Criolo a língua oficial do país. Ou, na melhor das hipóteses, escolher entre os dois grupos – barlavento e sotavento. ♦

Para terminar com um tom musical, aqui vai uma ligação para um sítio de músicas da Cesária Évora, a sensação caboverdiana da música mundial e detentora de vários prémios Grammy, que já fez várias turnés pelos EUA:

<http://www.caboverde.com/evora/evr-0001.htm>

Dor di Amor
(Mario Lucio / Mario Lucio)

Oiá c' ma dor di amor ca tem
vocação
Oiá c' ma sê força ê moda
tchuva
Ele ta da na tchom um planta
novo ta nascé

Má si vida pergunt'ób pa mi
Engana' l dá' l volta
Negá' l resposta

Un' tem vergonha d' vivê
D' prop dor d' amá
Ta amá ta sofre ta amá
Ta amá pa vivê d' amor



Cesária Évora

Please visit www.cplp.org,
the site of the CPLP -
**Comunidade dos Países de Língua
Portuguesa**

The CPLP website features several interesting links, including:

- Instituto Internacional da Língua Portuguesa, headquartered in the city of Praia, Republic of Cape Verde.
- Instituto Camões and Centro Virtual Camões – an outstanding site containing excerpts of poetry and information about the activities of the Instituto Camões all over the world.
- Text of the speech by President Lula of Brazil in July 2003, at the headquarters of the CPLP in Lisbon.

The Member States of the CPLP are (in Portuguese): Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Ilhas de Cabo Verde



Vila da Rebeira Brava, Sao Nicolau
- photo by Raymond Almeida, 1982



IMPRESSIONS

First National Conference of ABRATES

September 2003

Rio de Janeiro, Brazil

1) *Giovanna Lester, PLD member, president of FLATA (the Florida Chapter of ATA) in Miami and assistant administrator of the ATA Interpreters Division:*

I attended ABRATES – Associação Brasileira de Tradutores’s first national conference in Rio because I believe it is important for us to attend as many international events as possible, not only to lend support to these professional associations but also to establish a stronger ATA presence beyond U.S. borders – specially in markets that threaten the livelihood of our members – and to learn about successful programs.

Following the ATA Board meeting in Miami Beach last June, I became aware of our efforts towards validation of foreign credentials. ABRATES is **the** professional association leading the credentialing effort in Brazil and this was an opportunity to learn more about their programs, efforts, achievements, etc.

I was also aware that there would be other ATA members attending and even speaking at the event and I believe our membership should be made aware of ATA’s reach outside the U.S.

A short background: ABRATES was created in 1974 and turned into SINTRA – Translators Union - when translation was recognized as a profession by the Ministry of Labor, in 1988. But in 1999, due to the limitations inherent to a union, ABRATES was revitalized in order to provide those services and support SINTRA could not provide.

Currently, ABRATES credentialing process is similar to ATA’s former model: a three-and-a-half-hour-long test consisting of 5 passages

(the candidate selects three); the credential is valid for ten (10) years; grading is similar to ATA’s, but it is not required that graders be translators or associated with ABRATES – they must be renowned as a result of their professional performance in their specific field(s).

Of the sessions, two stood out in my mind: Tamara’s “New Civil Code and the New Nomenclature for Business Entities in Brazil” and Danilo’s “Reverse Side of Translation.”

Tamara’s presentation was an edited version of the one she brought to New Jersey for the ATA Legal Translation Conference earlier this year. She reminded us that laws and legislations evolve and change and that it is our professional responsibility to remain up-to-date with those changes in the countries into/from which languages we translate and stressed the importance of fully understanding the meaning of a legal concept before searching for its translation.

In his presentation, Danilo enlightened us with a few gems and attacked a few myths: fair pricing varies from individual to individual; the colleague who charges too much is not really our enemy, nor is the one who charges too little; sharing work with a colleague increases our productivity and our market share; pricing should be flexible, but “discounts” should not be common practice.

There were two roundtables, one on interpretation and ethics and the other on a currently hot subject with Brazilian colleagues: professional regulation. This latter one was impressive. The panel was composed by Danilo Nogueira, Guilherme Basilio (technical translator), Malu Cumo (translator

since 1988) and Haroldo Netto (translator since 1959). Some of the topics discussed were professional liability insurance, increased fiscal expenses and social security benefits. In response to a question related to professional image and the market, Malu Cumo replied that the image of the translator is created by the translator rather than by our customers, the market or any regulatory agencies. Danilo Nogueira pointed out that regulation with all its questionable “perks” would ultimately create a two-tiered professional class: those who do the translations and those who sign for them. The first tier would be represented by translators who cannot meet regulatory requirements and the second by translators who meet said requirements but cannot handle the volume of work.

Overall, I found the Conference a success and we are all waiting for next year’s encore.

Pictures:

<http://home.earthlink.net/~translanguage/images/congresso-abrates-rio-2003/>

2) Magda Alves, PLD member, electrical engineer/airline systems analyst and parttime technical translator in Atlanta:

I attended the first national conference of ABRATES last September in Rio de Janeiro with a primary focus on technical translation and subjects related to entertainment translation.

I enjoyed Tamara Barile’s presentation on the new Brazilian Civil Code and new nomenclature for businesses. I found it very interesting and the level of research involved in the project was impressive.

Common sense and good professional practice advice were some of the highlights in Danilo Nogueira’s presentation entitled “Reverse Side of Translation”. I really enjoyed his practical and realistic way of dealing with market pricing and quality of work.

“A internet como ferramenta de trabalho” (Internet as a working tool), by Daniella Mattos, was also a good presentation. The presenter’s analysis and comparison of internet search engines’ strongest and weakest points was very useful and I found it helpful for extensive research work.

Leonardo Teixeira talked expertly about subtitling in a relaxed atmosphere in his presentation “Tradução para Legendagem” (Translation for Subtitles).

I was disappointed with a session that I had been really looking forward to, which was “Investigação e análise da tradução de textos técnico-científicos” (Investigation and translation analysis of technical-scientific texts) by Rosa Maria Olher. Unfortunately, the presentation ended up being more of an advertisement for her translation course, without much useful information for me.

I was also somewhat disappointed with the roundtable about interpretation and ethics. The debate was less about ethics than about a comparison between two associations in Brazil.

Overall, the conference was a good experience. ABRATES can earn a reputation as one of the best translation conferences for Portuguese language in the future. ♦

Bring on the Bulls

Portuguese *feira* in the Central Valley (California)

Jennifer Reese

(Reprinted with permission from VIA magazine, Oregon)

You can spend a lifetime in California - exploring its cities, driving its back roads, hiking its mountains, deserts, and beaches - and think you know everything there is to know about the state. I did. That is, until last summer, when I went to my first Portuguese *feira* in the Central Valley, an event so exciting and gorgeous and strange that I felt compelled to go to another, and another, and another.

I took my little daughter, who loved the Monday night bullfights; I took my mother, who loved the garlicky *linguiça* sausage. I took my sister and I took my husband. I've been to Asia Minor and Central America, but I've never been anywhere more magical or more exotic than Gustine - or Hanford or Stevinson or Crows Landing - when the Portuguese are throwing a party.

The vast majority of California's Portuguese trace their origins to the Azores, a string of nine volcanic islands 800 miles off the coast of Europe. Among the traditions embraced there are elaborate religious festivals and, on the island of Terceira, bullfights.

Azoreans began arriving in California on whaling ships during the 19th century and they continued to settle here in large numbers through the 1970s. But the fact that the state has an active and deeply rooted Portuguese community is little known, perhaps because it is not concentrated in cities but scattered in small agricultural towns up and down the center of the state.

It is in these far-flung towns that, throughout the summer, volunteers from local Portuguese fraternal organizations and Pentecostal societies schedule the little-publicized *feiras* and bullfights that celebrate the Holy Spirit, or St. Anthony, or Our Lady of Fátima - all events that have helped keep a widely dispersed community intact.

"The idea of the *feira* was to preserve the culture and religious traditions and keep the bonds alive, and they have become like big reunions," says the Reverend

Dan Avila, a Catholic priest in Hanford who grew up in Gustine. "It's where people come and see all the people from the old villages."

At the Our Lady of Miracles Celebration in Gustine in the middle of last September, some 25,000 people descended upon the town of roughly 5,000 for three

full days of singing, candlelight processions, folk dancing, prayers, parades, auctions, red wine, bullfighting and fried sardines.

Gustine's shady, serene Henry Miller Park was overtaken by carnival rides and market stalls carrying lupini beans, salt cod, sacks of chestnuts, and pastel candied almonds. There was a stand that sold bowls of peppery red octopus stew and

another that sold lovely cinnamon pastries. A building nearby had been converted into a gallery that exhibited big photographs of the Azores and blasted Portuguese music from dawn to dusk.

There were old women dressed in black listening to a priest over a loudspeaker and there were girls in hip-huggers waiting to ride the Ferris wheel. There is something for everyone at a *feira*.

But it was the bulls that got me hooked.

Bullfighting has been illegal in the United States since 1957, but an exception was later made for Portuguese-style "bloodless" bullfighting, in which the animal is not hurt or killed. By law these contests must be held in conjunction with a religious celebration and there are about 20 bullfights staged annually in California, usually on the Monday night at the end of a major *feira*. One cool evening last June, my 5-year-old daughter, Isabel, and I drove to Stevinson (population 1,943) and made our way to the Praça de Touros - easy to find because it was the only place in town that showed signs of life. The bullfight, our first, was scheduled to begin at 8, and by 7 the dirt parking lot

"The idea of the *feira* was to preserve the culture and religious traditions and keep the bonds alive, and they have become like big reunions. It's where people come and see all the people from the old villages."

was jammed with Dodge Rams and Chevy Silverados and Isuzu Pups.



Franco repeated this feat again and again with ever shorter spears. A *cavaleiro* “sticks” a bull six times, sometimes more. The climax comes when he drops the reins, nudges the horse to a gallop, takes two short spears in his hands, and throws them at the bull.

A bullfighting arena looks like a rodeo ring, but there the resemblance between the two traditions ends. I bought a \$20 ticket (children enter free) and when we stepped through the gate it was like crossing a national frontier. 4 Inside, everyone was speaking Portuguese, everyone’, seemed to know each other, and everywhere you looked babies were being passed around and kissed. There were *linguiça* sandwiches for sale and beer and spicy cold lima beans.

Some spectators have vehement and informed opinions about the qualities of the horses and the abilities of the *cavaleiros* (“We don’t need ... Pedro Franco when we have very good *cavaleiros* here in California,” was one recent posting on the contentious chat board ebizplaza.com/guests/index.php).

As we entered the big red bowl of the arena, which seats about 3,000, Isabel was suddenly frightened by the crowd, the noise, and the impending man-beast confrontation; she clapped her hands over her ears. I found a spot on the wooden bleachers and she sat with her back to the ring. The woman next to us started speaking to me in Portuguese and did not, for the longest time, notice that I couldn’t understand her. By the time the brass band, had played “The Star-Spangled Banner,” followed by “A Portuguesa,” spectators were standing two deep around the perimeter of the arena.

But it’s easy to appreciate a bullfight, even if you don’t pick up all (or any) of the subtleties. Toward the end of Franco’s first round, Isabel seemed to realize that this was not turning into the gory spectacle she had feared; she climbed into my lap and began to watch intently.

A bullfight begins with the long, mournful call of a trumpet. Throughout the evening, a brass band both punctuated and commented on the action, signaling mounting tension with one melody and the end of an act with another. Unlike a rodeo, a bullfight is virtually wordless except for the cries of the men inside the ring. It is a handsome, ceremonious sport that is also crazy and exhilarating.

Professional matadors from Mexico and Spain travel to these fights, sometimes bringing their coaches. These are the icons most Americans think of when they imagine bullfighting - the taunting with a cape, the Gene Kelly footwork, the personal danger. True to form, the matador teased the bull with a flutter of the cape and, without moving his feet, swiveled his hips out of the path of the horns. He, too, claimed victory by sticking the bull with Velcro-tipped spears.

The first *cavaleiro* (rider) we saw was Pedro Franco of Portugal, who rode a pretty, dancing horse festooned with ribbons and plumes. *Cavaleiros* and matadors wear suits of scarlet, daffodil, royal blue, or mint green along with fuchsia kneesocks, ruffled shirts, and embroidered red coats or spangly gold jackets.

But the biggest crowd-pleasers were the *forcados*, or bull grabbers; they left me speechless. After the first round ended, a trumpet sounded and eight *forcados*, all members of the agile Turlock Suicide Squad, somersaulted over the wall and lined up, one behind the other, facing the bull. These Turlock *forcados* are a tight-knit group of truck drivers and dairy farmers who practice “catching” bulls every Wednesday night from February to October. “For some guys, it’s a rush,” says Tony Machado, captain of the squad. “For the older guys, it’s just part of you now.”

Once the audience had a chance to admire Franco’s outfit, a swarthy 1,000-pound bull came hurtling into the ring, its long curved horns capped, its flesh jiggling and rippling, spittle flying from its mouth. After a few tours around the ring, during which Franco chased and was chased by the bull, he turned his horse to face the animal. Franco hurled a *banderilla*-a spear wrapped in bright tinsel and tipped with Velcro - at a pad attached to the bull’s shoulders. The spear hit, the bus Velcro stuck, and the band struck up a triumphal tune.

Dressed in a short jacket and knee pants, the first *forcado* in line placed a cap on his head and made long, slow, regular strides toward the bull, shouting. The beast stared at him and then charged, head down, and the *forcado* charged right back, throwing himself between the bull’s horns. The other members of the squad rapidly piled on and, after a struggle during which men were tossed in the air, they wrestled the animal to a standstill.

Continues on page 18

What happened next was even more bizarre. Joe Martin, who sports a handlebar mustache, and has worked as a *forcado* for 27 years, wrestling more than

Melissa's festa is, in short, the frilly, feminine counterpoint to the Monday night machismo.

Although Portuguese-style bullfights are advertised as "bloodless," detractors call the fights cruel and psychologically harmful to the animals. "The bulls are teased and tormented for entertainment," says Eric Mills, coordinator of the Oakland-based Action for Animals.

Matador Dennis Barba, whose family owns the Campo Bravo ranch in Escalon, Calif., thinks Mills is off the mark. It was Barba who, in 1980, developed the system of Velcro-tipped darts aimed at a Velcro shoulder patch to replace the traditional use of lances. He raises most of the bulls for Central Valley bullfights, and says the animals are of a special breed called *touro bravo*, or brave bull. "The bull is not teased to provoke its charge," he says. "This is a fighting bull, born with the instinct to charge." The animals quickly become savvy to the ways of the ring, Barba says, and so take part in a fight only once in their lifetime, for approximately 20 minutes.

Furthermore, he says, to help blunt any risk to the cavaleiros' horses, the bulls' horns are sheathed in hard leather caps, and the steeds are trained to avoid collisions.

But Eric Sakach of the Humane Society feels that such measures fall short. The horses still are sometimes sliced by spurs, he says, or otherwise hurt in a face-off with the bull.

900 bulls, grabbed the animal's tail as his partners left the ring. When the bull spun around to chase him, Martins dug his heels into the earth and "skied" in a circle, towed by the bull. Eventually, Martins contemptuously dropped the tail, glared at the bull, and strode away. A herd of bony cows with bells on their necks trotted in and the bull meekly followed them out.

Isabel was rapturous. She's a princess-loving, purse-toting girl, but I have never seen her more fascinated by anything than she was by the bullfight. We had a long drive ahead, and at 10 p.m., before the last of the six bulls, I pleaded with her to leave. We found masses of people watching the action on a screen outside; hundreds of teenagers were milling around like it was a Friday night dance.

As we got in the car, Isabel said, "I wish we lived right next door to a bullfight."

I wouldn't have put it exactly like that, but I knew what she meant.

For some people a festa begins and ends with the bullfight. But don't tell that to girls like Melinda Duarte, a 17-year-old queen's attendant from Lemoore who has been to dozens of festal but never to the bullring. For her, a festa is about dresses and parades, about dances and honoring Queen Isabel, the 13th-century Portuguese monarch famous for her charity.

I met Melinda at the Sunday coronation of new queens (who model themselves after Queen Isabel) at the August St. Anthony festa in Hanford, just south-west of Fresno. She was busy studying the outfits of other girls. "I'm planning to be queen next year and I'm looking around to get ideas for my cape," she said.

Although queens aren't important to the Azorean celebration, they have become the *sine qua non* of the California version. Each year, Portuguese groups appoint teenage girls and children to be queens and queens' attendants, ambassadors from the local organizations who march in festa parades all over the state. The parades and regal courts encourage a sense of Portuguese American community statewide, and have become a particularly effective way to get a new generation of girls involved with their culture.

Melissa Lopes, a high school sophomore and queen from Visalia, has wanted to wear a crown since she was 3 years old. "Melissa's grandmother was the first Fátima queen of Visalia," said her mother, Lori. "Her aunt was a queen, her sister was a queen, and now she is. This means a lot." The scene at the Hanford Fraternal Hall, where the queens were dressing, was frenzied, as dozens of girls were attended to by mothers wielding hot curling irons. The queens' gowns, purchased at bridal shops, are often supported by wooden

hoops; their extravagant capes are of purple velvet or peach satin or pink silk, bejeweled or embroidered or screen printed with the image of a saint. The most dazzling capes are often those sewn by elderly women from the Azores who perform incredible feats of handiwork, like stitching 200 tiny pearls onto a puckered cape at the rate of, say, nine pearls per hour.

There are people who dislike what they perceive as the creeping materialism of the festas-the fact that some parents spend thousands of dollars on clothes and travel for their daughters. They complain that the true meaning of the *feira* is lost; that Queen Isabel stood for piety and compassion, not fashion. Melinda Duarte's mother, Ella, for instance, insisted on sewing Melinda's dress and cape herself. "It bothers me," she said, "the competitiveness about the clothes."

But *feiras* do maintain many of their sweetest traditions, like the Bode de Leite (blessing of the cows), which involves a procession of children in peasant costumes, goats, squeaky oxcarts, and Holsteins garlanded in flowers. In old times, or so the story goes, Azorean carts groaned when they were overburdened with milk, and today the screeching of the wooden carts is meant to suggest bounty. The Bode de Leite is a celebration of prosperity, a kind of Thanksgiving. This is where you will hear haunting old Portuguese *pezinho* music, improvised singing accompanied by a violin. Come hungry and you will be treated to a late-morning meal of wine, milk, bread, and cheese.

The food at Portuguese celebrations is hearty and wonderful- roasted pork, fried fish, fresh bread, spicy beef stews-and meant to be shared. The Hanford S t .



Anthony *feira* began in 1981 to honor the patron saint of both Portugal and the poor. In the custom of Queen Isabel, and in commemoration of St. Anthony's affiliation with the poor, a free communal meal has become a tradition at Hanford. In a primitive kitchen at the Fraternal Hall one Sunday morning, I watched men stirring barrels of beans and hacking up links of *linguiça*. At noon they began serving lunch to all comers, some 5,000 people in all. They dished up

salad, sweet bread, beans, 2,200 pounds of tri-tip, 1,200 pounds of *linguiça*, and countless pitchers of wine, all of it donated or financed by contributions from Hanford's Portuguese community. For dessert, splendid home-baked pineapple tarts, meringues, and cakes were being auctioned off nearby.

There is virtually no mainstream publicity for these warm, generous events. There are no posted ads for the parades, no radio commercials for the bullfights. Everyone who needs to know about them seems to know. But everyone else is welcome. "The Portuguese don't discriminate," said Tony Furtado, a high school Spanish teacher from Hanford who, as a lay priest, also helps administer Communion at the *feira*'s religious services. "Black, white, Mexican anyone can come. You get a good gathering of people and even if they don't go to church, it's still a fellowship of the Holy Spirit that's bringing people together."

Jennifer Reese, a senior editor at VIA, has also written for The New York Times, Fortune, and Entertainment Weekly. ♦

Finding Festas

Tracking down little-publicized here's a guide to a couple of t Hanford's 2003 St. Anthony C August 1 through 4. Most eve ford Fraternal Hall or at St. Br scheduled for 8 p.m. on August Rodeo Grounds in nearby Laton 5 p.m. and seats are expected Gustine's Our Lady of Miracles held September 11 through 1 for 7 p.m. on September 15 at Bella Vista Park. For driving directions to this building and others, visit the Web site www.home.earthlink.net/~dasilvaweb/bullfight.htm. Two other helpful Web sites (www.bullfights.org/schedules/california/ and www.home.earthlink.net/~abreu1/Festas21e.html) list festas and bullfights up and down California.



Photographs from <http://www.members.tripod.com/~KathrynMaffei/index-19.html> by Kathryn Maffei, Bustine, CA 95322

